

Os dispositivos de temporalidade no telejornalismo: os jornalistas e as práticas profissionais¹

Elane Gomes da Silva Oliveira²

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior³

Laerte José de Cerqueira da Silva⁴

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Os dispositivos de temporalidade não estão isolados dentro do processo de produção do noticiário televisivo. Eles agem em conjunto com os seres (substâncias) e também com os sujeitos (AGAMBEN, 2009). Entender sua formatação, no entanto, passa por compreender esta relação entre todos os envolvidos e a saber qual o papel de cada um na rede heterogênea, da qual é formada a rotina da redação de um tele-jornal. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é fazer uma breve discussão sobre as possibilidades prático-teóricas dos dispositivos de temporalidades no cotidiano das redações dos noticiários televisivos.

PALAVRAS-CHAVE

Dispositivo. Temporalidade. Redação. Jornalistas. Rotinas.

INTRODUÇÃO

A principal relação estabelecida dentro do telejornalismo diário é entre os dispositivos de temporalidade e os sujeitos atuantes no processo produtivo do noticiário. São eles que estão na linha de frente de preparação do telejornal e são responsáveis por dar vazão as temporalidades que chegam como ondas e asseguram as práticas e noções profissionais. Tomamos como os sujeitos desta rede, os jornalistas, mais

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora doutora substituta da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: elanegomessilva@gmail.com

³ Professor doutor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: a.vizeu@yahoo.com.br.

⁴ Professor

especificamente aquele que ocupa a função de editor-chefe. Nessa descrição da rede de elementos que em conjunto formam o dispositivo de temporalidade, também contamos com o espaço social onde os sujeitos atuam e os seres estão distribuídos, que é a redação. É neste ambiente que as relações se estabelecem, montando assim a complexa rede de elementos heterogêneos.

O espaço da redação é físico, porém ele também atua no simbólico. Estar dentro da rotina da redação não se estabelece apenas por estar presente no ambiente. Atuar nele também de longe, um processo que é facilitado pelo uso das tecnologias sociais, com a negociação e andamento das normas e códigos das profissão é uma forma simbólica de ocupação. Deuze e Witschge (2015, p. 03), diz que “(...) as redações são parte de instituições que devem ser vistas como sistemas abertos de atividades interdependentes através das quais inconstantes coalizões de participantes estão interligadas”. O que os autores expõem é que a redação não é um ambiente simples de entendimento. Como as relações se cruzam e as atividades são interdependentes, há diversas conexões ou alianças que também são importantes para o entendimento do todo. Compreender, nem que seja minimamente a rotina da redação nos auxilia também na leitura do papel do “ser profissional” (RUELLAN, 2017): como ele age? como se movimenta? e como capta os dispositivos de temporalidade? A apreensão de todos estes elementos são essenciais no auxílio dos jornalistas na construção do telejornal e na organização da rotina.

Deuze e Witschge (2015, p. 10) defendem um estágio mais avançado na compreensão das rotinas da redação. Para os autores, é fundamental que a partir da redação, possamos enxergar o que o jornalismo contemporâneo é. Este movimento de observação vem a servir de base para integrar estudos de cunho profissional e os de avanços e retrocessos no jornalismo realizado na atualidade. E, a partir deste cenário, de entendimento do espaço da redação a partir de suas rotinas, que desenvolvemos a discussão em cima de dois conceitos muito caros para a ciência social de Pierre Bourdieu (2011) e (2009): o *habitus* e o campo. O primeiro visto como o elemento subjetivo da prática e o segundo sendo caracterizado como a rede objetiva das relações, que pode ser encontrada em qualquer espaço social ou dentro de um contexto mais

particular. O campo estrutura o *habitus*. É uma relação de condicionamento, mas também de conhecimento e construção. Ambos não podem ser considerados em separado. São constituídos mutuamente, são, de fato, inseparáveis. Juntos produzem uma relação de cumplicidade ontológica.

Entendemos as rotinas da redação como um espaço onde as “relações entre” são difusas e complexas. E, também é o ambiente onde as práticas são condicionadas pelas expectativas dos resultados de um dado curso de ação. Os dispositivos de temporalidade, por exemplo, disseminam-se na ação desempenhada pelos sujeitos. São orientadores e fazem parte da prática cotidiana jornalística televisiva. Os dispositivos de temporalidade asseguram as decisões, opiniões e discussões dos jornalistas, que se relacionam entre vários elementos dentro da rede, que objetiva todo o trabalho a ser desenvolvido.

O ESPAÇO: REDAÇÃO

O espaço onde os sujeitos atuam é a redação. Para Deuze e Witschge (2015, p. 10) a redação deve ser vista como estruturas organizacionais. É neste espaço em que são sedimentados as rotinas. A redação e as rotinas são inerentes ao jornalismo. Não há como desassociar das práticas profissionais e da cultura ocupacional que permeia qualquer ambiente de produção jornalística, seja ele de televisão ou não. Dentro do jornalismo, a existência do espaço da redação representa a garantia de um local para desenvolvimento do trabalho, e, dá ao mesmo tempo ao jornalista a segurança de se estar empregado e assim ocupar o papel de um "ser profissional" (RUELLAN, 2017).

A redação foi a forma dominante de emprego e de organização do trabalho em jornalismo (particularmente durante o século XX), cujo arranjo servia para estabilizar a indústria e andava de mãos dadas com a formação de práticas consensuais nos estudos e educação em jornalismo. A redação se tornou o local para ser um jornalista, para ser reconhecido como tal, e os estudiosos têm validado esse processo, defendendo abordagens etnográficas exclusivamente dedicadas às redações. (DEUZE E WITSCHGE, 2015, p. 08)

Um fator digno de realce é que as redações tradicionais devem ser sempre consideradas a partir de seus códigos e formatos, mas não podem ser julgadas como estáticas e imutáveis. O campo do trabalho jornalístico está em constante mudança e os modelos tradicionais receberam arranjos específicos que impactaram no formato tradicional da redação e, em algumas situações, frisamos que ela até desloca-se para os espaços digitais, como é o caso dos aplicativos de interação social, acionados pelos sujeitos profissionais e que proporcionam uma presença na redação ininterrupta.

É no ambiente das redações em constante transformações que há uma necessidade de compreensão do que é o espaço da redação e como os sujeitos atuam nela, com a vivência de um tempo mais agitado e veloz, que condiz com a atualidade. A redação pulsa ainda hoje, dentro dos estudos do jornalismo. É um local central dentro da fragmentação que permeia a execução da atividade jornalística, com vários sujeitos e atores que formam uma rede, onde todos atuam unidos para a criação e a manutenção do exercício profissional do jornalismo. “(...) Mover-se além da redação é difícil porque isso nos empurra contra as fundações do arranha-céu que os estudos de jornalismo e da profissão de jornalista construíram em termos de sua auto-percepção dominante”. Não há como fugir dessa estrutura organizacional que implica diretamente no modelo noticioso que é seguido pela empresa de comunicação e pelos profissionais.

Dentro do telejornalismo, a redação é um ambiente ainda mais complexo. Com uma necessidade de divisão de tarefas que aflora com mais intensidade a medida que se aproxima do *deadline*, o ambiente da redação televisiva torna-se um local tenso, com a propulsão de muitos sentimentos subjetivos vividos pelos sujeitos e refletidos em suas ações. É a presença da temporalidade que dita o ritmo vivido pelos jornalistas e é com uma compreensão de tempo acelerado que os profissionais moldam sua rotina cotidiana, preparando com máximo de rigor todas as tarefas que devem ser cumpridas durante o dia noticioso.

Como orientação dos movimentos realizados na redação, seguimos o dia noticioso dos jornalistas de TV a partir do exposto por Vizeu (2003), quando o autor aponta três fases distintas que guiam a rotina de uma redação do telejornal. Elas são integradas e interconectadas e demonstram o processo de formação das rotinas,

deixando-as aparentes e compreensíveis. Vizeu (2003, p. 97) destaca que em completude, a rotina da redação pode ser expressa em três momentos que absorvem uma partida e uma chegada, todas envoltas no clímax que ronda o cumprimento do *deadline*:

- 1) a chegada da redação, momento inicial de se inteirar de como o jornal começa a se organizar;
- 2) meio da manhã, quando os editores de texto já estão editando algumas matérias ou esperando para editar as que estão na rua;
- 3) o fechamento, já no final da manhã, quando se aproxima a hora do jornal entrar no ar e a correria é geral na redação. (VIZEU, 2003, p. 97)

A intersecção destas fases contribui para a compreensão do funcionamento total da redação. Cada uma delas abriga os variados dispositivos de temporalidade. Como dividimos em cinco dispositivos⁵: 1) preparação/adequação; 2) atenção total; 3) checagem geral; 4) tensões e orquestramento e 5) planejamento do amanhã. Enxergamos a presença deles nesse cruzamento com a visão de Vizeu (2003). Eles estão distribuídos ao longo da chegada - meio da manhã e fechamento. “(...) Procuramos agrupar os procedimentos cotidianos nas três fases indicadas. Acreditamos que isso facilita a compreensão das rotinas de trabalho, dando uma ideia de conjunto das atividades”. (VIZEU, 2003, p. 98).

Observamos que logo no primeiro momento, a chegada na redação, é onde aparece o dispositivo de temporalidade relacionado a preparação, no qual ocorre as reuniões de planejamento do começo da manhã, a organização das tarefas, bem como o caminho a ser trilhado durante todo o dia. E os demais dispositivos de temporalidade se distribuem entre o meio da manhã e o fechamento. Essa tentativa de compreensão dos dispositivos de temporalidade, na verdade, demonstra um avanço no entendimento do posicionamento do tempo na redação do telejornal, que parte da visão já implementada por Vizeu (2003). É a partir desse controle de divisão temporal, que desenvolvemos o que configura o sentimento de tempo vivido dentro da redação pelos sujeitos - os jornalistas.

⁵Estes dispositivos não serão desenvolvidos ao longo deste *paper*. Eles fazem parte de um outro estudo relacionado à práxis da redação do telejornal. Este artigo visa uma dimensão teórica.

Este movimento de desenvolvimento das temporalidades na rotina da redação não é desprovido de agitação e nem é objetivo. Não poderia ser enquadrado como normas fixas e códigos a serem seguidos à risca. Ele é intenso. É inconstante. Segundo Drew (2009), em cada dia útil, o jornalista toma inúmeras decisões subjetivas e decide todas as histórias que serão abordadas e como serão tratadas, este processo mental é potente e envolve seguir regras e procedimentos inerentes a rotina jornalística, mas também necessita de certo jogo de cintura em momentos críticos e domínio total da notícia e do processo produtivo. Na visualização do seguimento desta rotina da redação do telejornal, a figura do editor-chefe é a que fica empenhada em fazer as atividades andarem no tempo determinado para. Ele é o sujeito facilitador das temporalidades e quem segue à risca os dispositivos que acionam e asseguram as tarefas a serem realizadas.

O FACILITADOR DA ROTINA: O JORNALISTA

A rotinização do trabalho facilita o método de ação dos jornalistas. Traz agilidade e cumprimento das temporalidades, mesmo que na vida do dia a dia, os profissionais não percebiam isso. Pois, acostumados a realizarem as tarefas sob a batuta do tempo, os jornalistas apenas cumprem suas obrigações, assertivos a executarem o *deadline* imposto. As rotinas, então, dão conta de um conjunto de hábitos que são adotados visando uma finalidade. Sekeff (2005) nos lembra que rotina tem a ver com repetição. Os procedimentos se repetem no cotidiano da redação, de olho na produção inteiriça do telejornal.

As rotinas carregam consigo a noção de segurança e regularidade sobre os fazeres laborais. Urge repetir as mesmas ações para assegurar que as ações dos jornalistas estejam corretas para o fim - produzir os telejornais - , sem perder de vista que o telejornal, mesmo estruturado num padrão definido previamente, não é, nunca, o mesmo. Cada produto contém marcas essenciais de sua produção, mas atinge resultados imprevisíveis em virtude do processo produtivo do dia. (SEKEFF, 2005, p. 64)

As rotinas da redação aparecem como modelo instrumental para a valorização e validação dos protocolos jornalísticos. Convenções que são estabelecidas no espaço da

redação e que dão segurança ao processo produtivo noticioso e ainda geram a identificação entre os integrantes do ambiente da redação- os sujeitos - os jornalistas. Dentro desses protocolos, o tempo e os prazos surgidos a partir dele exercem uma forte influência. Tuchman (1973) argumenta que os profissionais reúnem as notícias em procedimentos rotineiros, a fim de minimizar os problemas e dar cabo de situações que gerem conflito e tensão extrema. “(...) *To cope with this problem, they try to control the flow of work and the amount of work to be done*”. (TUCHMAN, 1973, p. 110)⁶.

Entender este movimento de apreensão da rotina na redação é importante. As rotinas não são meramente um conjunto de regras que existem aleatoriamente, elas facilitam o trabalho jornalístico, e, devem ser compreendidas como modelos formais para se atuar no espaço da redação. Estes procedimentos são dotados de potência e ganham novo significado a medida que o jornalismo e o telejornalismo evoluem. Como exemplo, tomamos a expansão dos conteúdos digitais que invadiram as redações das emissoras de TV, foi imprescindível que as rotinas passassem por adequação e os profissionais se adaptassem a processos de decisão que envolviam ainda mais rapidez e dispositivos que ajudassem na dilatação do tempo. Tuchman (1973) nos lembra que os jornalistas estão cientes que na rotina dentro do ambiente da redação, eles estão fadados a lidarem com eventos inesperados e em seus julgamentos precisam processar e até explicar as decisões tomadas para e a partir destes eventos. Os julgamentos sobre a notícia em si, passam também pela forma como o jornalista se comporta frente à rotina. “(...) O que os jornalistas fazem tende a ser visto como algo compartilhado por meio dos consensos profissionais. No mundo do trabalho, esses consensos tomam forma através das rotinas”. (DEUZE e WI TSCHGE, 2015, p. 05)

Estar na redação e se colocar à disposição de enfrentar as rotinas gera consequências, muitas vezes subjetivas, mas na maioria das vezes reverbera no sucesso ou não do cumprimento do *deadline*. Os jornalistas devem estar sempre preparados para o algo mais. Mesmo com a consciência que eles devam seguir os códigos deontológicos

⁶ “Para lidar com esses problemas, eles tentam controlar o fluxo de trabalho e a quantidade de trabalho a ser feito”. (Tradução livre)

da profissão, o evento inesperado consegue perturbar a organização planejada para o dia noticioso.

That workers impose routines upon their work poses a problem concerning nonspecialized unexpected events: how can an organization routinize the processing of unexpected events? Specifically, how do newsmen routinise the handling of a variety of unexpected events in order to process and to present accounts and explanations of them? For, without some routine method of coping with unexpected events, news organisations, as rational enterprises, would flounder and fail. (TUCHMAN, 1973, p. 111)⁷

Esses comportamentos dos jornalistas ajudam no processo de fabricação da notícia. É, justamente em momentos inesperados que decisões criativas remodelam o jornalismo tradicional e inovam na transmissão noticiosa. Não é somente pela tecnologia que o telejornalismo é modificado. Muitas vezes, a rotina exige que o jornalista se coloque em uma posição de sustentar o relato noticioso da forma que escolheu, pois a audiência não questiona se o jornalista tinha bastante tempo para cumprir a transmissão de informações da forma tradicional todos os dias. Em eventos inesperados e com a prevalência de rápidas tomadas de decisão, o jornalista cria as notícias a partir dos modelos de entendimento que lançou mão. O objetivo do cumprimento do *deadline* também passa pelo preenchimento do tempo do telejornal com informações que devem e merecem ser transmitidas ao público. É por conta disso, que entendemos que por mais que as rotinas nos levem a explicá-las como sendo regras arraigadas e tradicionais do fazer jornalístico, elas representam também processos abertos, que mudam a depender das situações vivenciadas.

A mídia segue rotinas que são o resultado de regras organizacionais e profissionais. O uso da palavra “regras” é significativo, pois indica algo que não é variável. Para Bennett, essas regras explicam a consistência do conteúdo das notícias ao longo do tempo e das circunstâncias. (BECKER e VLAD, 2009, p. 63)

⁷ “O fato de os trabalhadores imporem rotinas ao seu trabalho coloca um problema em relação a eventos inesperados não especializados: como uma organização pode rotinizar o processamento de eventos inesperados? Especificamente, como os jornalistas rotineiramente lidam com uma variedade de eventos inesperados para processar e apresentar descrições e explicações sobre eles? Para, sem algum método rotineiro de lidar com eventos inesperados, as organizações de notícias, como empresas racionais, fracassariam e falhariam”. (Tradução livre)

Segundo Pereira Júnior (2009, p. 83) todo o processo rotineiro do telejornalismo perpassa pela decisão dos sujeitos profissionais do que vai ou não ser transformado em notícia. Tudo começa nesta seleção e as rotinas se desenvolvem a partir dela. O processo de seleção e produção é a base do telejornalismo, visando, obviamente o preenchimento do noticiário para o cumprimento do *deadline*. A partir desta definição, o trabalho na redação é influenciado por três níveis, ou por três fatores: 1) o jornalista - o caráter da pessoa e suas emoções subjetivas; 2) o da organização - a rotina produtiva dentro das empresas jornalísticas e 3) o da comunidade profissional - os valores e mitologias que sustentam a categoria, independente da organização em que se trabalha e de se estar dentro ou fora de uma determinada empresa. Esses três níveis exalam a cultura profissional embutida no processo de fabricação do telejornal. As rotinas produtivas e as práticas profissionais permitem uma visualização do movimento do fazer telejornalismo, mas também condicionam o processo. É importante tentar enxergar por detrás da cortina.

As rotinas orientam o profissional para que desenvolvam suas atividades com bastante rigor, mas também não dão espaço para o inesperado. Os eventos de última hora fazem parte da cultura profissional e os sujeitos precisam aprender a lidar com eles, quando assim for preciso. É possível que se lance mão de códigos e normas que limitam o telejornalismo, a exemplo dos valores notícia e dos critérios de noticiabilidade, mas um fator essencial a ser considerado é a presença da temporalidade - a coordenada de tempo dentro da ação. Esta é subjetiva e aparece em contextos distintos, geralmente seguida por questionamentos mentais, a exemplo de: quanto tempo se tem até o *deadline*? quanto tempo levará para a melhor formatação do material? quanto tempo se tem para encaixar o material no espelho do telejornal já planejado? As temporalidades surgem durante a execução da rotina e o profissional tem que estar preparado para agir de forma subjetiva, mas também com os pés fincados na objetividade da prática.

No entender de Deuze (2005, p. 448) os estudiosos, que se enquadram no perfil de feministas da mídia, argumentam que a subjetividade não contradiz a objetividade, pois ambos os valores podem ser considerados como elementos constitutivos de uma

identidade profissional de jornalistas. E, o autor ainda ressalta que o abraço, a rejeição e a reavaliação crítica da objetividade ajudam a mantê-la viva como pedra angular ideológica do jornalismo. A objetividade implica em ser imparcial, e, isto é também uma busca constante dos jornalistas. Mas isso, não quer dizer que não exista espaço para movimentos que exigem subjetividade por parte dos jornalistas.

Já a subjetividade é fonte de competência do ser humano, o que lhe confere uma natureza imprecisa e presente em qualquer que seja a função que desempenhe. Incorporar os momentos de crise na rotina da redação cria um clima de tensão constante e atribui valor às práticas profissionais. O jornalista passa a sentir um êxtase diário, por entender que seu papel é muito maior que apenas cumprir a exibição do telejornal. Mas, atuará como juiz, no julgamento seletivo noticioso e terá total responsabilidade sobre o *deadline*.

O'Neill e Harcup (2009) refletem sobre o trabalho de Wolfgang Donsbach, que, segundo eles, compreender a psicologia das decisões de notícias por jornalistas é essencial para entender a seleção do conteúdo noticioso e, além disso todo o processo que envolve as decisões profissionais - as rotinas. Julgamentos avaliativos, como novos valores por definição, não possuem critérios objetivos - eles são baseados em julgamentos de valor que não podem ser verificados nem falsificados.

Essa construção de rede noticiosa tem robustez quando consegue englobar os fatos que são passíveis de registro e consegue delimitar o que, de fato, faz parte da zona de alcance de cobertura, seja do ponto de vista de espacialização/ territorialidade seja organizacional, com a capacidade de estabelecer profissionais que consigam dar conta da atividade. Essa construção é cíclica. Recomeça do zero todos os dias. Mal a edição do telejornal do dia tenha sido finalizada, a edição seguinte já está em franca produção. Trincheira imposta pelas regras da atualidade e, que assegura o hábito de consumo do telejornal, segurando-se no sentido de urgência.

A rotina da redação fundada no tempo é congênita. O desafio nos tempos atuais está em manter a qualidade da informação. Com a digitalização das mídias e inserção de aparatos tecnológicos dentro da rotina da redação, atuando como meios facilitadores para obtenção da notícia, essa urgência em dar conta da atividade jornalística apresenta-

se estendida, o que dá a sensação de dilatação temporal e é engrossada pela utilização de recursos tecnológicos que auxiliam na lida com as temporalidades impostas na rotina da redação.

A necessidade de lutar contra o relógio levou historicamente as empresas jornalísticas a consolidar formas de controle sobre a imprevisibilidade dos acontecimentos, numa tentativa de fixar aquilo que está em movimento contínuo. Essa exigência se concretiza numa série de procedimentos editoriais usados para planejar o que fazer quando os fatos ocorrem, e, também, para evitar os lapsos temporais, os eventos fora de hora, que não se concentram no horário habitual de trabalho ou não estão ao alcance imediato da organização jornalística. (PEREIRA JÚNIOR, 2009, p. 86-87)

Intuitivamente, e carregando uma carga operacional, os jornalistas se preparam para isso. Contra a vilania das temporalidades, eles tentam impor certo planejamento. Acreditam que, arquitetar como o trabalho será desenvolvido diminuirá a possibilidade de serem pegos de surpresa. Entendem que uma cobertura noticiosa minimamente planejada, com ações premeditadas e organizadas em sequência, contribuirão nas tomadas de decisões futuras e diminuirão reações imprevistas. A agonia surgida com os lapsos temporais, deixa o jornalista em desvantagem. Ele, como sujeito da operação telejornalística, entende que não consegue atender nas tomadas de decisão urgentes todos os pontos essenciais ao cargo que ele ocupa, que poderiam ser expressos por: as normas da profissão, os valores da notícia, os critérios de noticiabilidade, a afinação técnica e ainda estar alinhado com os preceitos da empresa de comunicação. Seria preciso levar todos estes pontos em consideração, causando aflição inerente a função de jornalista responsável pelo telejornal. O que se sobressai, neste caso, é o "ser profissional" (RUELLAN, 2017). É ele quem tem que pesar os códigos deontológicos da profissão, os constrangimentos da organização e a valorização noticiosa. Isso gera um campo de forças atuante, não somente em modo subjetivo, mas de forma prática, onde a temporalidade é o motor gerador. É a partir dela que se exige que o profissional tenha domínio da decisão que tomará. É ela que determina que deverá ter uma decisão por causa daquele evento ou daquela situação a ser resolvida.

Onde queremos chegar? as rotinas da redação existem não somente para modular o jornalista e impor-lhe condições práticas para a melhor vivência do dia

noticioso. As rotinas da redação, verdadeiramente funcionam como turbinas, que validam o trabalho jornalístico e dão fôlego para a profissão. Renovam diariamente o sentimento de atuar como um "ser profissional". Recheadas de subjetividades, ancoram-se nos códigos do jornalismo para manter aparente tranquilidade, porém, são insurgentes de perturbação e dividem-se em momentos de alta tensão e calma parcial ofertadas pelo planejamento. A rotina da redação pode ser expressa em ondas de prazer e agonia. Ao fim do dia, os jornalistas sentem-se exaustos e em depoimentos afirmam até gostar da vivência do processo.

Retomando os desafios do *deadline*, os jornalistas se aventuram, diariamente, às tensões impregnadas à sua vida profissional. Acomodam-se à “*camisa de força*” imposta pela labuta cotidiana. E, paradoxalmente, é assim que se se identificam no ambiente da redação. Quando tudo está calmo, parece que há algo de errado e perigoso no ar. (SEKEFF, 2005, p. 62) [Grifo do autor]

Por apenas parecer igual todos os dias, mas não é, a rotina vivida dentro da redação do telejornal tem o prazo perecível de 24h. Mesmo que para o dia seguinte haja o planejamento realizado no dia anterior, ele esgota-se no cumprimento do *deadline* e a cada novo dia, eventos inesperados podem surgir, o que forçará o jornalista a tomar decisões centradas no tempo e ancoradas nos códigos já internalizados e presentes mentalmente. A rotina da redação funciona como uma rede guiada pela temporalidade, em que todos os integrantes estão conectados e produzem sua força de atuação.

Os jornalistas têm uma interpretação cultural específica do verdadeiro significado do seu trabalho, na base do qual estão excitação e o perigo que advêm do fato de se depararem com apertados *deadlines*. Tornar-se um controlador, transcendendo por isso o caráter caprichoso, sacrificador da notícia, é o que faz o trabalho noticioso tão excitante. (SCHLESINGER, 2016, p. 262)

Nesta passagem está posto que o espaço em que a cultura profissional se desenvolve é a redação. Esta espacialização precisa de uma ordem - rotina - que dê garantias para amenizar as agonias surgidas pelas voluntariedade da notícia. É necessário um plano de trabalho, e o tempo induz à premência do planejamento. “(...)

Respeitar os prazos preestabelecidos de processo e produto atua como estímulo à organização das atividades”. (SEKEFF, 2005, p. 63)

A temporalidade é descontinuada. Ela não é linear. Há, inclusive, uma dualidade de compreensão: no sentido mais coletivo e também em uma instância particular de cada sujeito ativo no processo da rotina da redação. O coletivo apresenta-se no sentido de construção de equipe. Todos precisam vencer a pressão do tempo e por conta disso adotam costumes e convenções reconhecidos pela categoria de jornalistas. Há uma necessidade de socialização da atividade e as rotinas da redação e seus desdobramentos permitem repartir os valores entre os sujeitos - os jornalistas. “(...) O senso comunitário gera mecanismo de partilha de problemas, também, de soluções para determinadas coberturas jornalísticas”. (SEKEFF, 2005, p. 66). E, é individual, pois os jornalistas se impõem a uma condição mental também bastante veloz. Acordos ágeis e seguros dão vazão aos processos surgidos sob o comando do *deadline*. Os julgamentos do jornalista emergem como recurso consensual instaurado na rotina da redação. Todos sabem que em algum momento, a decisão no sentido mais particular existirá. Faz parte. A essência do profissional valida a rotina, a partir dos valores e critérios da notícia.

É sabido que o telejornalismo é entendido como uma prática social. Schlesinger (2016) afirma que os jornalistas exibem duas atitudes nas suas vidas profissionais: sentem que têm o domínio e o controle sobre suas atividades e em contraste vivem um caminho mais fatalista de tempo, em que o sentimento presente é de compulsão e obrigação. “A razão para isto reside nos peculiares constrangimentos situacionais colocados pela produção jornalística”. (SCHLESINGER, 2016, p. 261). Este sentimento surge de uma relação causal entre as condições de mercado, dentro do qual a notícia é produzida, o próprio sistema de produção, os conceitos de tempo conscientes dos sujeitos e o produto. Essa noção de causalidade não é percebida pelos envolvidos na construção do telejornal, mas proporciona toda a força da rotina da redação. É dentro desse contexto de aparentemente desordenamento em que reside o vigor do planejamento. As rotinas induzem o planejamento das atividades dentro do espaço da redação. “ (...) O plano de ação dos jornalistas se sustenta na obediência às rotinas e aos rituais produtivos. Tudo é pensando de acordo com os mecanismos preexistentes para a

realização dos fazeres telejornalísticos. A organização do grupo se dá a partir de hábitos assimilados”. (SEKEFF, 2005, p. 67)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As rotinas da redação estabelecem marcas que passeiam entre a objetividade e a subjetividade. A comunicação entre os sujeitos da redação no decorrer do processo produtivo e a significação do telejornal contribuem para manter a importância de se conhecer e estudar as rotinas. A redação apresenta-se como espaço colaborativo e de socialização, que produz conflitos internos e externos, e, que age na conservação de hábitos que são assimilados por um grupo social. Protocolos de ação, sentimentos de temporalidades distintos, validações noticiosas pressionadas pela urgência do tempo, figuram como circunstâncias que exauram os sujeitos fisicamente, mas que são potentes enquanto chaves que acionam o modelo de vivência do telejornalismo.

Por fim, entendemos que os dispositivos de temporalidades são fundamentais à interação e sobrevivência dos jornalistas na redação. E, apontamos isto, enxergando a divisão de atividades e os caminhos percorridos para a produção do telejornal. São estas trocas comunicativas e relacionais que são essenciais na construção do processo produtivo televisivo. É importante perceber a posição de cada sujeito e dispositivo dentro desta rede heterogênea, exprimindo preferências sistemáticas e definindo o lugar ocupado por cada um no campo de atuação, bem como suas estratégias de representação.

Entendemos também que mesmo tido como o balizador de todas as ações dentro do universo do telejornal, as temporalidades além de exercerem uma pressão coletiva dentro da rotina jornalística televisiva fazem com que personagens atuantes no desenvolvimento do processo também recebam pressões individuais, gerando novos efeitos dentro do contexto noticioso.

Todas essas questões levantadas devem ser permitidas e valorizadas para a discussão dos estudos de jornalismo, que antes de tudo deve ser uma área em que informar possa trazer conhecimento e novas formas de experimentar o mundo e a

comunidade em que vivemos. Que este trabalho abra novas discussões sobre o tempo dentro da área do jornalismo. De modo algum, questões relacionadas à temporalidade estão superadas, mas aparecem mais fortes do que nunca, interpelando-nos para investigá-las em novos contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BECKER, Lee B; VLAD, Tudor. News Organizations and Routines. *In: **The Handbook of Journalism Studies***. WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas. (Orgs.). New York: Routledge, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **O poder simbólico**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DEUZE, M.; WITSCHGE, T. O Que o Jornalismo está se Tornando. Tradução. Rafael. Grohmann. *In: **Parágrafo***, v.4, n.2, p. 7-21, 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478/445> . Acesso em 10 de dezembro de 2019.

_____. Além do jornalismo. *In: **Leituras do Jornalismo***, ano 2, v. 2, n. 4, jul-dez, 2015.

DEUZE, Mark. What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. **Journalism**, v. 6 (4), pp. 442-464, 2005.

DREW, Dan G. Roles and decision making of three television beat reporters. *In: **Journal of Broadcasting***. 16: 2, 165-173, 2009.

O'NEILL, Deirdre. HARCUP, Tony. News Values and Selectivity. *In: KARIN-JORGENSEN, Karin. HANITZSCH, Thomas. **The handbook of Journalism Studies***. News York and London: Routledge, 2009.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **Guia para edição jornalística**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RUELLAN, Denis. **Le professionnalisme du flou**. Identité et savoir-faire des journalistes français. Grenoble : Press Universitaires de Grenoble, 1993.

_____. **Um ser profissional ou como percebê-lo**. In: Brazilian Journalism Research. Volume 3, número 1, 2017.

SCHLESINGER, Philip. **Putting 'reality' together**. London e New York: Mathuen, 1987.

_____. Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Florianópolis: Insular, 2016.

SEKEFF, Cristiane. **Telejornal: do processo ao produto**. Teresina: Faculdade Santo Agostinho, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **Making News by Doing Work: Routinizing the Unexpected**. The American Journal of Sociology, Vol. 79, No. 1. The University of Chicago, jul. 1973, pp. 110-131. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2776714?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em 20 de abril de 2020.

_____. **La producción de la noticia**. Estudio sobre la construcción social de la realidad. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S. A., 1983.

_____. **A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas**. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 111-131.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: Os bastidores do telejornalismo**. 3ª. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.